

Um olhar epigráfico sobre três lápides sepulcrais em cemitérios portugueses



RESUMO

Alude-se a frases retiradas de epitáfios da época romana a documentar como são reflexo de uma vivência. Analisam-se três epitáfios actuais, que, cada um no seu género, testemunham também essa realidade: num, a observação da decoração leva a identificar a categoria social do defunto (cigano), que, por razões óbvias, não vem explicitada no letreiro; no segundo, referente a um opositor político, os seus correligionários não hesitaram em mostrar a sua revolta, mandando inscrever a palavra «assassinado»; finalmente, no terceiro, a breve alusão a duas passagens do Novo Testamento manifesta a pertença do defunto às Testemunhas de Jeová.

Palavras-chave: Epitáfios; Opção política; Religiosidades.

* Doutor pela Universidade de Coimbra. Professor catedrático (em Pré-História e Arqueologia), aposentado, da Universidade de Coimbra, Portugal. Membro do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, da Universidade de Coimbra, onde desenvolve projectos de âmbito internacional sobre religião antiga. Académico correspondente da Real Academia de Bones Lletres (1997), da Real Academia de la Historia (1999) e Académico de Mérito da Academia Portuguesa de História (2010). Doutor honoris causa pela Universidade de Poitiers. Especialista em Epigrafia Romana (mais de 800 títulos publicados). CV: https://www.ua.es/personal/juan.abascal/encarnacao_jose_de.html e <https://ceaacp.uc.pt/investigadores/jose-dencarnacao/>



An epigraphic look at three tombstones in Portuguese cemeteries

ABSTRACT

Phrases of Roman epitaphs show us how their cultural world was very present in them. Similarly, the three actual epitaphs analysed in this essay. The first one shows how the decoration is indicative of his social class: it's a tzigane. The second is the claim against a political murder. Finally, another one, with a simple biblical notation, is a public religious declaration.

Keywords: Epitaphs; Political options; Religiosities.

Una mirada epigráfica a tres lápidas en cementerios portugueses

RESUMEN

Los textos de una inscripción funeraria romana denuncian aspectos específicos de la vivencia de las personas ahí sepultadas. También eso es visible en la actualidad. Mostramos aquí tres testémos. En lo primero se ve como la decoración escogida denuncia que el defunto era un gitano. La palabra 'asesinado' presente nel secundo muestra la indignación de sus correligionarios. Finalmente, se evidencia como la simple mención de dos pasajes del Nuevo Testamento è suficiente para decir que il defunto pertenecía a las Testigos de Jehová.

Palabras clave: Epitafios; Opciones políticas; Religiosidades.



Dedicou-se este número da Revista M. ao binómio património e morte, porque, assinala-se no texto de proposição, «a vivência humana no espaço físico em cada tempo produz registros e vestígios caracterizados por uma série de elementos: a escrita, a arte, as edificações, a fotografia, a paisagem entre outros». Por isso, acrescenta-se, «os cemitérios, locais de sepulturas e memória dos mortos, podem ser analisados pela perspectiva patrimonial, como herança individual e coletiva das sociedades».

Na Época Romana

Para um epigrafista que estuda a época romana essa verificação não oferece a mínima dúvida, inclusive porque os epitáfios constituem, pela sua abundância, um dos elementos a que sempre se recorre com vista ao estudo das personagens, quer no seu relacionamento social quer, de modo específico, no seu relacionamento com o divino, o que, obviamente, se processa através de monumentos escritos, os quais, por seu turno, são eco duma cultura vivida.

Se a Epigrafia se pode definir como a ciência que estuda como é que o Homem, em determinado momento, seleccionou ideias para as transmitir aos vindouros – na eloquente proposta de Giancarlo Susini – ¿que momento mais essencial se poderá conceber do que aquele em que os familiares miudamente estudam o que há-de ser gravado na pedra, a fim de perpetuamente se recordar seu ente querido? (Susini, 1997: 69).

Nos epitáfios da época romana, fácil é emocionarmo-nos com as frases habituais: *hic situs est*, “aqui jaz” e *sit tibi terra levis*, “que a terra te seja leve”. Um diálogo. No presente do indicativo. Como se a pessoa continuasse a estar ali. Inclusive com a idade com que faleceu, porque nenhuma outra conotação cronológica se apõe. Um epitáfio para sempre!

Frases há, todavia, que – pela sua singularidade – nos obrigam a parar:

– *cum qua vixit communes anos XXXII mensem unum: Oriclão, o marido, quis que se soubesse, vivera com Flórica Ágata, em comum, 42 anos e... um mês! ... (Encarnação, 1984, inscrição 259).*

– *Morreu Nice aos 20 anos. Os pais, Ínaco e Ío, resolveram escrever o seu epitáfio em verso, onde, a dado momento, põem na boca de Nice a frase «se o meu descanso te sensibilizar, rogarei que, fatigado, tenhas mais doce descanso, mais tempo vivas e longamente envelheças nesta vida que não me foi lícito desfrutar». (...) et diu senescas... (Encarnação, 1984, inscrição 270).*

Poderá parecer estranho que a palavra *pietissimus*, que gosto de traduzir por ‘modelo de piedade’, surja com muita frequência nos epitáfios romanos. Sim, é um louvor ao defunto, porque a *pietas*, a piedade, a benevolência para com os deuses e para com o próximo, era uma das virtudes maiores. ¿Não dizemos nós, ainda hoje, em jeito de louvor: era uma pessoa muito piedosa? Sucede, porém, que, neste caso, não poderemos encarar o superlativo como mero elogio, sem mais; se, como escreveu Michel Quoist, «O outro tem sempre tendência para ser aquele que tu pensas e dizes que ele é» (Quoist, 1964, p. 170), lembrar ao defunto que foi



«modelo de piedade» envolve o desejo de que ele assim se mantenha no Além e não venha apoquentar os sobreviventes. Um objectivo apotropaico!

Na actualidade

Sim, na época romana, somos já capazes de sugerir a proveniência de um monumento epigrafado pelo tipo de pedra usado (o mármore de diversas procedências, hoje conhecidas, o granito, o calcário, o xisto...) e, também, pela tipologia dos monumentos. Como facilmente compreendemos, nos tempos actuais, cada localidade pode ter começado a adoptar determinada tipologia, dependendo muito dos hábitos da oficina que a serve.

Mesmo em relação ao texto, há modas. No Brasil, a data do nascimento é geralmente assinalada por uma estrela e a do falecimento por uma cruz.

E há ocorrências expressamente ligadas ao momento político. Num jazigo de família, o primeiro parente a ser sepultado foi, com enorme mágoa, o jovem capitão tenente morto na guerra do Ultramar português. Motivo de orgulho, por outro lado, na medida em que, nesse tempo, louvor devia merecer. E por baixo do seu nome foi gravado «Morto em combate». Veio a Revolução de 25 de Abril de 1974, as colónias portuguesas alcançaram a liberdade, ter combatido lá deixou de ser encómio, para ser visto mais como vitupério. Hoje, o nome do capitão tenente mantém as letras avivadas a negro; a expressão «morto em combate» continua gravada mas sem pintura a realçar.

Tempo é, pois, de mostrar, com três testemunhos, a veracidade do que os promotores deste volume almejaram: o monumento funerário vale a pena analisá-lo como documento cultural.

António José



Figura 1. Sepulcro de António José.
Fonte: o autor.

Mostra a Fig. 1 a placa de mármore em forma de frontispício de uma casa com telhado triangular, existente no cemitério de Montemor-o-Novo, Alentejo, Portugal. O defunto chama-se António José; nascido a 6-9-890, falecido a 21-5-940. Tinha 50 anos, portanto, idade que, atendendo à época, não se afigura anormal. Foi a mulher quem se encarregou de mandar lavar o monumento: «Homenagem de sua mulher».

Atente-se no facto de não haver nome de família: os dois nomes são nomes próprios, aqueles por que, no quotidiano, era conhecido. Sua mulher, ao invés, manteve o anonimato, refugiando-se apenas na identificação do relacionamento familiar.

Se facilmente se aceita a forma de indicar o ano – embora não deixe de se registar –, porque estamos na mudança de século e serão o 8 e o 9 que marcarão a diferença, é a primorosa decoração em relevo que particularmente nos prende a atenção. Na verdade, o maior relevo é dado ao cavalo, de cabeça bem ajazada (de cabresto e rédeas), orelhas espetadas (como que em atenção), crina farta. A fotografia do defunto (de casaco e gravata, barba crescida) aninha-se, em ponto pequeno, sob o pescoço do animal. Do lado esquerdo, uma espora; à direita, um chicote.

Estando numa zona – o Alentejo – por onde passam caravanas ciganas, não custa crer que é de um homem de etnia cigana tal sepulcro assim mostrado. Autoridade seria no clã. O seu cavalo quis a família que, em representação, o acompanhasse na tumba, pois seu companheiro – alvitramos nós –, seu fiel companheiro foi em vida.

Assassinado



Figura 2. Sepulcro de Evo Fernandes.
Fonte: o autor.

De negro basalto, letras gravadas e pintadas a branco, impressiona esta placa funerária do cemitério da Guia, em Cascais:

*Dr. Evo Fernandes
Nascido a 10-6-1944
Assassinado a 21-4-1988*

A escolha da palavra para assinalar o passamento não oferece dúvida quanto ao significado que se lhe quis atribuir. Morte violenta, quando ainda nem completara 44 anos.

Não é normal assinalar-se o grau académico de alguém; ou melhor, o facto de vir referido aponta para o prestígio que esse título conferira num contexto social em que não seriam muitos os que lograssem ser licenciados.

O nome, atente-se, é também 'nome de guerra', como sói dizer-se, ou seja, o nome pelo qual uma figura pública é conhecida, omitindo-se eventuais outros sobrenomes, de família, que poderiam estar pelo meio.

Mesmo o vulgar cidadão sentirá de imediato curiosidade: quem foi o Dr. Evo Fernandes? Por que motivo foi assassinado? E, sobretudo, por que motivo os seus familiares, amigos ou partidários escolheram essa palavra, a patentear sua raiva, descontentamento e revolta?

Evo Fernandes, advogado de origem goesa, a residir em Lisboa, fora secretário geral da Renamo, a Resistência Nacional *Moçambicana*, movimento político adversário da Frelimo, Frente de Libertação de Moçambique, que ocupava o poder. Acredita-se que o governo de Moçambique terá levado a cabo esse acto – o corpo foi encontrado na Praia do Guincho, em Cascais, e as autoridades lograram identificar o autor do assassinato – no intuito de aniquilar a facção portuguesa da Renamo, acarretando assim grande enfraquecimento do movimento e, até, o seu aniquilamento.

É, por conseguinte, nesse enquadramento político-social que se justifica, às mil maravilhas, o basalto negro do fundo, a ressaltar a brancura inocente das letras, onde a palavra ASSASSINADO clama justiça real!

Citações bíblicas



Figura 3. Citações bíblicas

Fonte: o autor.

Também no cemitério da Guia, mas na zona não dos gavetões mas sim das sepulturas individuais, térreas, perpétuas, chama a atenção a singularidade do mármore verde de uma das campas. Não é o comum mármore de Viana do Alentejo, mas de um verde uniforme, acinzentado, seguramente vindo de fora.

Ao fundo, aberto, um livro de pedra, com um ramo esculpido em relevo a envolver o canto superior esquerdo. Na página da esquerda, a fotografia, o nome e as datas de nascimento e morte. Faleceu António com 66 anos. Na página da direita, em maiúsculas, a frase «Os verdadeiros amigos são aqueles que por vezes não telefonam não escrevem mas que sabemos que estão presentes quando precisamos» ocupa-a de alto a baixo.

O mais intrigante, no entanto, é o facto de sobre a campa estarem coladas duas linhas, também em letras douradas e em itálico, que apenas dizem assim:

*1 Pedro 1 : 3
Atos 24 : 15*

Para os que estamos minimamente familiarizados com este tipo de citações depressa compreendemos que há ali referência a duas passagens do Novo Testamento. Concretamente, o versículo 3 do capítulo I da 1ª Carta de S. Pedro e o versículo 15 do capítulo 24 dos Actos dos Apóstolos. Poderá estranhar-se, desde logo, a grafia *Atos*, segundo o chamado novo acordo ortográfico; pode, contudo, haver outra explicação.

Na verdade, os versículos apontados aludem a um tema querido às Testemunhas de Jeová, a esperança da ressurreição nos últimos tempos:

«Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a Sua grande misericórdia, Ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos» (1 Pedro, 1, 3).¹

«E tenho em Deus a mesma esperança desses homens: de que haverá ressurreição tanto de justos como de injustos» (Atos, 24, 15).²

Esta campa constitui, pois, um duplo testemunho: primeiro, a informação de que o defunto professava as crenças das Testemunhas de Jeová; depois, de certa forma, um acto de proselitismo, proclamando um ensinamento que se lhe afigura fundamental.

Atendendo a que estão redigidos em português do Brasil os livros por onde, habitualmente, as Testemunhas de Jeová se regem, também não custa crer que ter-se grafado a palavra «Atos» sem o c possa ser reflexo desse hábito de leitura.

Conclusão

Se muitos outros exemplos se poderiam aduzir, creio serem estes três – para além dos leves apontamentos apresentados da época romana – elucidativos do que se pretende demonstrar: a eloquência das inscrições cimiteriais! Como os pormenores pensados para figurar junto à sepultura resultam de toda uma envolvência social, política, religiosa. Numa palavra: cultural! Reflexo de mentalidades, mensagem intencional, memória para o futuro.

¹ 1 Pedro = 1ª Carta de S. Pedro.

² Atos = Atos dos Apóstolos.



Referências Bibliográficas

Encarnação, J. d'. (1984). *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização* (=IRCP). Coimbra: Instituto de Arqueologia.

Quoist, M. (1964). *Construir*. Lisboa: Livraria Morais Editora.

Susini, G. (1997). *Epigraphica Dilapidata*. Faenza: Fratelli Lega Editori.

Recebido em: 13 de dezembro de 2023

Aprovado em 14 de dezembro de 2023

